

Fernando de Campos



A CHRYSTALLIDA

Orgam do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 14

Cuyabá, 14 de Novembro de 1926

ANNO I

Patriotismo

Tem sido verdadeiramente de surpreender a solicitude com que o povo desta terra accorreu ao apello do Governo, no sentido de organizar uma defeza segura, um báluarte de peitos, contra a possível tentativa de invasão de revoltosos, nesta capital.

Educada vos principios de civismo, engrandecida pelas enaltecedoras lições da nossa historia, nobre no sonho, vibrante no entusiasmo, forte na fé; a juventude estudiosa do Lyceu, comprehendendo os seus deveres de patriotismo, foi a primeira a cerrar fileiras em prol da legalidade, constituindo ella quasi sosinha, uma altiva companhia de guerra, orgulhosa de ter como commandante o seu proprio acatado e valoroso director, bel. Isac Póvsas.

E' preciso accentuar que isto acontece justamente num periodo de serias apprehensões para os estudantes, qual seja este de preparativos para as duras provas do exame, a se realizarem na primeira quinzena de Dezembro.

Murmuram por ahi compassivamente, que seria esta uma occasião de se obter um decreto, considerando approvados os alumnos.

Penhando interpretar o sentir de todos os nossos collegas, rejeitamos com todo o fervor esta medida, em verdade, sempre deprimente do valor de quem a obtem, por quaesquer circumstancias que sejam.

Se nos não fôr possível de

todo, prestar exame no tempo estipulado por lei, o que será justo é o adiamento dos mesmos para epocha conveniente, conforme julgar propicia o alto discernimento da sabia congregação do corpo docente daquelle estabelecimento.

Seja como fôr, o que não queremos é commetter uma indignidade; antes aceitamos de braços abertos o sacrificio, se é que elle resultará em beneficio da nossa querida e muito bem amada terra.

Companheiros! Mantenhamonos a postos, que tudo será feito por nós, se alguma cousa fizermos em nome da patria!

Revistamo-nos do arnez da coragem, promptos para o que de nós exigir o momento, consciós de que desempenhamos o mais sagrado dever, qual seja a defeza da familia, da ordem e da legalidade!

FINADOS

Ja na vespera o ceu estava enublado e logo depois, naquella atmospherá de nostalgia e tristeza, chorava em copiosas gottas de chuva sobre a terra, como prenuncio das lagrimas, que corações desolados, haviam de humedecer as catacumbas dos cemiterios.

**

Como são bellas as manhãs de minha terra! O horizonte, entretanto, que antes amanhecia sempre vermelho, persuadindo-nos de haver um bello dia de sol, nesta estação chuvosa, estava cober-

to pelo veo mortuario, parecendo que a Morte, em tudo quiz que estivesse o seu funesto crepe de dor!

Aquelles galhos robustos de arvores floridas e tão cheios de passarinhos alacres, que seguiam o massa barro, no saudar do novo sol que reaparecia, estavam agora como braços nus estacados no ar, como se em preces mudas, pedissem a Deus conta de suas flores, que um vento impiedoso havia arrancado de seus galhos, para levá-los talvez a cemiterios desconhecidos.

E os passaros para onde foram?

Não sei. Talvez emigraram para as mattas afóra, afim de não atrapalhar com seus cantos as lamentações de um filho, mãe ou esposa ou então foram, na quietude do campo, lembrar a morte de seus amigos, irmãos... despedaçados pela arma do caçador inclemente ou aniquilados pelo pelote do garoto perverso.

Seja como fôr... Os passaros também sabem chorar...

**

Os sinos da egreja em badaladas compassadas, numa voz de choro, convidam os fieis para se reunirem na egreja, onde vac ser rezado o funeral.

Nas ruas, passam pessoas de preto e cabisbaixas;

E' o pobre orphão que enlutado no corpo e no coração, tem um lenço apertado aos olhos, donde sahem lagrimas, que são como gemidos mudos de um coração que soffre; é uma viuva que ainda chora a falta do esposo, cuja morte nem o tempo inclemente

fel-a esquecer; é enfim, uma pobre mãe que acabrunhada, leva na mão um ramalhete de flores, para, contentando ainda a vaidade do mundo, depositar sobre o tumulo do filho morto, e no coração amortalhado pelas chagas da dor, palavras de prece a Deus pelo suffragio de sua alma.

E assim, em romaria, segue a multidão em direção ao cemitério.

De longe já se o avista...

Uma grade fria sobre pequenos muros o cerca.

Lá dentro, se divisa logo uma modesta igreja, algumas arvores e enfim as catacumbas em fileiras; e por cima disso tudo o silencio immoto dos sepulchros.

Uns vão collocar ricas corôas de bisquit em sumptuosos mausoleos, outros levam flores e velas para sepulchros de marmore e enfim, os pobres que nada têm para levar, ajoelham sobre o terreno limpo diante, de uma cruz, tosca onde murmuram preces entrecortadas de suluços.

Vanitas vanitatis et omnia vanitas.

Para que tanta vaidade?

Para que distinguiem no cemitério os sepulchros, feitos uns de fino marmore, outros de grades doiradas, quando outros são marcados apenas por uma cruz e se a terra é unica e os vermes os mesmos?

Despresae todas essas illusões terrenas, ó corações christãos, e ide á igreja quando ouvirdes os dobres lentos desse sino que chora, porque essa voz nostalgica que enche o espaço no dia funebre de finados é o mesmo gemido das almas que vos suplicam preces.

B. Duarte.

Só mesmo o Novis

Era um desses domingos quentes, como sempre.

Havia muita luz no jardim. Uma polychromia de tons, matizes e fulgurações ia espelhar-se nas aguas do tanque central. Flores, muitas flores... Cravos vermelhos, cravos brancos, rosas, jasmims, exhalavam um perfume delicioso, por entre outras flores, que passeavam em torno daquel-

las. Gigantescas palmeiras la-deavam a avenida poetica e misteriosa do nosso Alencastro, que, com o seu agradável aspecto, attrae os casaes de namorados.

Lá do outro lado, no corêto, uma banda de musica enchia os ares com os seus maviosos acordes, dirigida pelo mestre Portella.

Passeavam homêns, crianças e sobretudo moços e moças que em borborinho se esbarravam... mais ou menos involuntariamente. Quando eu distraído entre esse borbarinho, passava com a minha bengala enganchada ao meu pescoço (segundo o meu costume), brutalmente me abalrôa com ares de duellista, o collega e amigo Oswaldo Novis, camarada "encravado", que segundo elle proprio, sempre se impõe, isto seja, na sua giria, «manda um pedaço». Depois dos devidos cumprimentos, convida me para sentar em um confortavel banco.

Então começa a me amolar a paciencia, narrando-me varias das suas façanhas, dizendo nunca ter encontrado um camarada que lhe encostasse as mãos á cara (bem entendido: de gente).

Eu, para me vingar e pôr ponto final nessa conversa, disse-lhe bruscamente:

—Creio em tudo, collega Novis, mas exactamente coincide agora um facto, que me obriga a preveni-lo...

—De que? atalhou o amigo, antes que eu concluísse.

—De que está neste momento no bar, um individuo que, pelos modos, isto é, segundo me pareceu ouvir, já lhe encostou as mãos á cara, e, se preciso for arrancar-lhe á os dentes.

—A mim?!...

—Sim, a você mesmo.

O Novis levanta-se do banco, num salto, esquecendo-se até que a sua garota passeava no jardim; e agarrando-me pelo braço, pede-me que lhe mostre esse tal "desaforado". (Elle tremia, porém era preciso sustentar a nota...)

Chegando-nos á porta do bar, apontei-lhe, sentado a uma das mesas, tomando cerveja com alguns amigos, o seu... dentista.

COELHO.

(Do 3.º anno)

D. Aquino

Depois de uma longa permanencia na Capital Federal, chegou pela «Iguatemy» no dia 7 ultimo, a esta Capital, o exmo. e revdmo. sr. D. Aquino Corrêa.

Na grande metropole brasileira foi o Arcebispo de Cuyabá, alvô das mais justas homenagens.

A entrada de s. exa. rvdma. no Instituto Historico, prova quanto é acatado e admirado nos altos meos litterarios e scientificos do Paiz.

A sua candidatura á vaga deixada por Lauro Müller na Academia Brasileira de Letras, é uma prova ainda mais eloquente do valor e do safo: desse grande filho de Maltz-Grosso, o qual, dentro de breve tempo, veremos com a frente cingida pela corôa de louros dos immortaes.

Éra natural, pois, que ao chegar em sua terra natal, D. Aquino fosse alvô da mais carinhosa manifestação.

Foi assim que a flôr da nossa sociedade lhe preparou uma entusiastica recepção.

Ao desembarque de s. excia. rvdma. falaram: o prof. Nilo Povoas e a sta. Grazzia.

Na sede da archidiocese falaram: em nome das alumnas do Asylo S. Rita, a sta. Noemia Delamônica, a sta. Elza de Figueiredo em nome de suas collegas da «Liga das Moças Catholicas»; e pela mocidade cuyabana, o nosso intelligente companheiro de redacção Benjamim Duarte Monteiro.

Approveitando a occasião, foi logo após inaugurada a nova de nova sala de redacção da nossa veneranda collega «A Cruz». Falou nessa solemnidade o dr. Barnabé de Mesquita.

D. Aquino a todos respondeu com palavras de agradecimento e carinho, salientando que havia recebido muitas manifestações, mas, nenhuma como essa, falou tão alto ao seu coração de bispo e cuyabano, porquanto que partia de pessoas dessa mesma terra pue era tambem a delle.

Damos á seguir a bella oração do nosso talentoso collega ao inclito metropolitano:

Exmo. e Rvdmo. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa:

Sempre que a mocidade se reúne é animada por altos sen-

Improviso

Moços! A Inepia nos chamou de estúpidos!
Moços! O crime nos cobriu de sangue!
Vós os luzelros do país, erguei-vos!
Perante a infamia ninguém fica exangue.

Protesto santo se levanta agora,
De mim, de vós, da multidão, do povo;
Somos da classe de justiça e brio,
Não ha mais classe ante esse crime novo!

Sim! mesmo em face da nação, da patria
Nós nos erguemos com soberba fé!
A lei sustenta o popular direito,
Nós sustentamos o direito em pé!

(Castro Alves)

VERIATO

*Quando o gládio romano jubilava
Em sangue na avalanche da conquista,
F. tudo devastando que empitava,
Sua marcha feroz e terrorista,*

*Todo o universo aos seus pés ajoelhava,
E o domnio do braço romanista
Era implantado! Mas na terra escrava
O brado de um heroi liberalista,*

*Levantava no céu contra os tiranos
Que, em tempestades bravas e confusas
Tornavam-se do mundo soberanos.*

*Na Península Ibérica, em transluzas
Acções, sustem Veriato por dez annos
O tinto capitel das liberdades lusas.*

Cuiabá, 24-10-926.

Celso d'Oliveira.

timentos de patriotismo e lealdade e bem podeis, pois, acreditar na sinceridade desta manifestação que ella hoje vos presta, porquanto que essa espontaneidade de apreço e carinho á vossa pessoa, parte justamente de corações sadios e de cerebros fortes, que sabem ajoelhar-se respeitosos ante os altares dos grandes homens, com palavras de preces a Deus pela glorificação dos seus nomes, que a posteridade agradecida abençoá.

Não é um grito isolado no deserto, cujo echo nem uma collina perdida entre seus areaes possa responder, que escutais neste momento nem a palavra venal de um Eschines ou Mirabeau, mas pelo contrario, uma onda de estudantes, que hoje vos traz, ao retornardes da Capital da Republica às plagas cuyabanas, as nossas boas vindas, e que abençoá o vosso nome num grito unisono, que transpondo este ambiente de flôres e alegrias, se vae perder muito alem das nossas fronteiras.

Acreditaie, repito, na sinceridade desta homenagem feita por esta mocidade não corrompida pelo vicio da bajulação e nem tampouco corroida pelos vermes da politicalha indigena.

Estas palavras não são somente minhas, senão que partem também desses corações jovens que aqui vêdes e que se concatenisam todas na minha voz, como o deflagar de muitos projectis faz repercutir o silvo de uma só bala.

A historia ha de vos fazer justiça, vós que soubestes unir á toga de bispo a alta funcção de presidente do nosso Estado, deixando-lhe inumeros melhoramentos, avultando entre elles o contracto da Estrada de Ferro Norte de Matto-Grosso, assignado no vosso patriótico governo, que faria, em breve, espalhar as fumaças das chaminés, das nossas futuras fabricas, pelos céos mattogrossenses.

E vós participaes hoje de gloria do actual presidente que soube arvorar bem alto a bandeira da paz, desfraldada pelos ventos da prosperidade e progresso, vós, que n'um momento em que as ondas dos partidos se chocavam no grande mar da nossa vida politica, soprado pelas tempestades

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

das paixões desenfreadas, vies-tes como a bonança, torna-o calmo e sereno, para poder seguramente romper as suas águas, essa nau gigantesca que se chama Matto Grosso.

Não poderíamos achar occasião mais propicia que esta para vos trazer a nossa homenagem, justamente quando voltais da Capital da Republica, coroado de tantas glorias, onde exuberantemente mais uma vez revelastes a robustez sadia de vossa intelligencia, concatenada na figura inconfundível de bispo, orador eloquente e poeta!

E' assim que o Instituto Historico, em hora de feliz inspiração, vos elegeu para o seu seio, prestando dest' arte não só uma justiça ás vossas qualidades intellectuaes, como tambem uma homenagem ao clero brasileiro que se honra de possuir entre seus membros, a vossa figura inconfundível de bispo e literato perfeito.

Enão seriamos nós outros, jovens estudantes desta terra que é tambem vosso berço, que haviamos de permanecer em silencio, quando o Brasil inteiro então o vosso nome, nós que bebemos na "Terra Natal" e "Odes", nessas fontes de aguas crystallinas e puras, lapidadas pela vossa mão firme de poeta, na solidão do claustro, o conhecimento do alevantado patriotismo, amor da patria e culto dos grandes homens.

D. Aquino!

Aqui não estão pretorianos venaes, que guardam o seu rei como presa, para entregal-o em troco de ouro e nem somos vossos amigos como os eram de Napoleão, aquelles generaes, levantados por elles, e que o recebiam entre vivas e flôres logo apos a victoria, e depois nem terem lagrimas que se confundisse com as delle, nem palavras para lamentar o infortunio do genio exilado.

Esta é, D. Aquino, uma cadeia herculea que se fecha ao redor de vossa pessoa; que podeis di-

visar uma arma segura em cada braço, uma trincheira inquebrantavel em cada peito.

E esta mocidade que hoje vos acclama ha de trazer sempre vivo o vosso nome, porque o carinho que ella vos tem é immenso e o que é immenso, como diz Herculano, é eterno; esta mocidade canta hosannas ás vossas glorias, porque como vosso satellite ella está animada a vos acompanhar em toda a vossa vida, esta mocidade forte e corajosa, donde ninguem duvidará que ha de sahir para o futuro homens que dirijam os destinos de nossa patria, e que saberão gravar com letras indeleveis nas paginas floridas da Historia mattogrossense, o nome de D. Aquino, governador supremo, poeta e prosador eloquente e bispo modelar.

Perfil

V. C.

A tarde está ennuclada. Uma aragem fresca nos traz dos campos, já em flor, o perfume das flores selvagens.

Tudo parece sorrir e acordar de um somno prolongado.

Emfim, tudo offerce um contraste choeante com as sceas da «Planicie Morta do Molina», o grande paisagista do Lyceu...

Pois foi essa tarde, leitores, que os bulichosos Snrs. Filante & Sicrano, sentados sobre a copa da palmeira-mater do jardim Ipyranga, sondavam algo interessante...

Que desejariam aquelles medioqueiros malandros num ponto tão estrategico? Porventura estariam de sentinella, vigiando a entrada do Prestes?

Não. Não estão de sentinella vigiando o Prestes e sim observando certo rapaz gorducho, morador da rua 15 e que cavallando um exotico muiar ruma em nossa direcção.

Porque procuravam com tanta attenção essa rapaz?

—Ah! Já sei! Querem reduzi-lo á expressão mais composta, isto é, comprimil-o dentro dum perfil (obra deveras, difficil).

Caros leitores, essas palavras estramboticas que acabastes de ler, não são fructos nossos e sim de um collega incoherente que por toda a parte nos segue perseguindo-nos com os senhos de quem comeu perna de cabrita.

Eis o que diz elle: Falam, Filante & Sicrano, que nem podem dizer nada acerca do perfilado porque tal é o seu aspecto que descrevel-o seria tornar indigesto este perfil.

Mau! Mau! Embora já por nos ter dispensado, o tal amigo, sahe do nosso tinteiro e nos diz o perfilado, possui um bello palminho de cara e tanto conhece as paginas esquecidas da nossa Historia como tambem é um poeta, cuja lyra já produziu o famoso e bello classico soneto "Saudades" e uns versos que necessitam dos auxilios de um pedicura e andam, sómente de mulletas, por terem os pés... em perfeito estado de fractura.

Que allivio!!! Felizmente esse galopim que nos enfadonha, agora, resolveu deixar-nos, e, batendo palmas sahe pela porta afora cantando:

Vou lavar a cafeteira
Que o perfilado é forte,
Pois, escapou da ratoeira
E já foi p'ra Boa-Morte...

Nest' ora lembramo-nos de que "A Chrysallida" tem falta de espaço e então, até logo, leitores.

N. B.—Mal largavamos da pena chegava a joven, que lendo o perfil, exclama: o V. C. gosta de escrever os seus contos fantasticos, mas, desta vez foi apanhado em flagrante e eu estou vendo o seu rostinho resplandecer nas grades deste perfil. Vejo-o tal como no dia em que se retirou dum baile, de um certo modo...

Filante & Sicrano.